



INTOLERÂNCIA NA REDE – CASO BLACKFACE NO ITAÚ CULTURAL

Danielle Mendes Thame Denny¹

Resumo

O artigo relata uma pesquisa ação levada a cabo durante os dias 12 a 15 de maio de 2015 para identificar e medir a intolerância na Internet. Para tanto analisou-se o caso blackface no Itaú Cultural. Os principais resultados que puderam ser observados foram: pouca disposição a escutar posições contrárias, mais conversação que diálogo, agressividade, estereotipagem, tentativas recorrentes de calar o outro. Foram abordadas também características da Internet e seus impactos na contemporaneidade, principalmente no tocante à liberdade de expressão, prevista no artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos. As técnicas de delineamento são estudo de caso, pesquisa bibliográfica, documental e legislativa. Os trabalhos de autores como Norval Baitello Jr., Vicente Romano, Vilém Flusser e Manuel Castells são utilizados como referenciais teóricos.

Palavras-chave: Blackface. Liberdade de expressão. Intolerância. Meio ambiente digital. Cultura do ouvir

Introdução

A programação de maio do Itaú Cultural de São Paulo previa a peça de teatro A Mulher do Trem, que é realizada pela companhia Os Fofos Encenam, desde 2003, porém sua reestrea foi cancelada em virtude de intensa onda de protestos nas redes sociais contra o uso da "blackface" por dois personagens da peça.

¹ Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Doutoranda em Direito Ambiental Internacional pela Universidade Católica de Santos. Mestre em Comunicação na Contemporaneidade, pela Faculdade Cásper Líbero. Com especializações em: Diplomacia Econômica, pela Universidade Estadual de Campinas; Direito Tributário, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; e Política pela Escola de Governo da Universidade de São Paulo. Advogada formada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Docente da Universidade Paulista e da Fundação Armando Álvares Penteado. Integra os grupos de pesquisa Cultura do Ouvir, Energia e Sustentabilidade e Direito Educacional. CV completo em <http://lattes.cnpq.br/8898848038418809>. E-mail: danielledenny@hotmail.com.

V COMcult

o que custa o virtual?

A blackface é uma maquiagem preta feita no rosto do ator para caricaturar um personagem, essa técnica de pintar o rosto de preto, ou de branco, é muito usada no circo. Porém, no teatro norte-americano foi disseminada, a partir do século 19, quando negros eram proibidos de atuar e eram representados por atores brancos. O artifício que ressalta características afro pode ser usado de forma pejorativa, aliado a uma personalidade cômica, sendo portanto considerado racista.

Não parece ser o caso da peça A Mulher do Trem, na qual os atores negros Carlos Ataíde e do Marcelo Andrade, representam os personagens com os rostos pintados de preto porque utilizam uma linguagem teatral operada por máscaras. De qualquer forma, em resposta a onda de protestos nas redes sociais, no lugar da encenação da peça, o Itaú Cultural promoveu um debate sobre essa polêmica, com a participação dos Fofos Encenam e de ativistas do movimento negro.

Nesse contexto, justamente no dia do debate, 12 de maio de 2015, iniciou-se a presente pesquisa ação, com um post no Facebook, na página do evento Debate "Arte e Sociedade: a Representação do Negro". O objetivo desta pesquisa foi fomentar a discussão sobre até que ponto proibir o uso da maquiagem blackface, independentemente do conteúdo da peça, não seria sinal de intolerância. Para tanto foi feito um monitoramento do comportamento na web decorrente desse estímulo, pois havia a hipótese que acabou se comprovando de que seria marcante a intolerância e haveria tentativas de censura.

O prazo do monitoramento foi de três dias, entre 12 a 15 de maio, e o conjunto dos 113 comentários analisados por esta pesquisa pode ser visualizado online na página do Itaú Cultural no Facebook para o evento Debate "Arte e Sociedade: a Representação do Negro". Muitos comentários ofensivos se perderam pois foram apagados pelo administrador da página, mas os que restaram já são suficientes para a análise aqui pretendida.

Os principais resultados que puderam ser observados são: pouca disposição a escutar posições contrárias, mais conversação que diálogo, agressividade, estereotipagem, tentativas recorrentes de calar o outro.

Estudo de Caso

V COMcult

o que custa o virtual?

Horas antes de iniciar o debate que substituiu a reestrea da peça, no dia 12 de maio de 2015, iniciou-se a presente pesquisa ação, com um post no Facebook, na página do evento Debate "Arte e Sociedade: a Representação do Negro". Foi postada uma foto de uma pessoa totalmente de rosto e mãos pretas e roupa preta, sorrindo com um violão. A imagem foi acompanhada do seguinte texto:

Será que considerar qualquer blackface preconceito não é sinal de intolerância? Nesta foto, por exemplo, usei a maquiagem blackface para fazer um tributo à black music da qual sou fã. O conteúdo veiculado nessa oportunidade, portanto, foi absolutamente positivo. Para minha infelicidade, não estarei de corpo presente com vocês no debate de hoje à noite, devido ao meu trabalho, mas espero acompanhar virtualmente. Sucesso e viva a Cultura do Ouvir! (DENNY, FACEBOOK, 2015).

O objetivo desse post foi estimular a discussão sobre até que ponto proibir o uso da maquiagem blackface, independentemente do conteúdo da peça, não seria censura. Alguns internautas entraram no debate de maneira construtiva, cada um defendendo o seu ponto de vista, esse foi o caso de Laura Colucci que ressaltou a complexidade do tema: abusos na utilização da blackface podem ser punidos, inclusive pelo crime de racismo, mas o cerceamento da liberdade de expressão é irreparável e os censores não respondem por ilícito algum. Para ela, a questão não é simples, porque o assunto é bastante delicado

Para quem sofreu o racismo, para quem teve que lutar para sair da margem da sociedade. para quem não sofreu na pele, literalmente, pode parecer injustificada intolerância, e ainda que possamos nos ver todos iguais, independentemente de qualquer diferença intrínseca ou de opinião, não se pode deixar de tratar o assunto com o cuidado e respeito que ele merece e demanda. por outro lado, a intolerância continua afastando e distinguindo as pessoas em diferentes, e eu acredito que a liberdade de manifestação deve ser protegida ainda que com isso se abra campo para o abuso da liberdade, porque todo abuso pode e deverá ser punido. mas a intolerância que implique a censura e a impossibilidade de expressar ou divergir, não tem como corrigir (COLUCCI, FACEBOOK, 2015).

Para Maria Nazareth Monteiro a maquiagem é o contrário do bom gosto e da elegância e gera desrespeito, o personagem deveria ser interpretado sem artifícios o que faria ainda mais nítido o talento do artista.

Você poderia homenagear seus ídolos da "black music" com sua própria carinha linda. Não há necessidade de pintura e cabeleira mal penteada para homenagear Marvin Gaye, Diana Ross, MJ, EWF, Cool and Gang e muitos outros que primavam pelo bom gosto e elegância, que não são lembrados quando se olha para vc desse jeito. Se fosse vê -la me sentiria desrespeitada e desrespeitados meus ídolos da "black music".

V COMcult

o que custa o virtual?

Recentemente vi uma homenagem em teatro a MJ onde havia um intérprete japonês (sem qualquer maquiagem) ótimo cantor, maravilhosa interpretação ficando nítido o quanto MJ é universal, totalmente irrelevante a aparência do ator (MONTEIRO, FACEBOOK, 2015).

Philippe Souza também defendeu o mal gosto da maquiagem. “Homenageie comprando um disco, cantando uma música, postando uma foto do artista... Você não homenageia ninguém com essa fantasia caricaturada de extremo mal gosto.”

Stephanie Ribeiro, uma das principais articuladoras da onda de protestos que culminou no cancelamento da reestreia e na realização do debate, se eximiu de dialogar, apenas pontuou sua indignação. “Gente que surreal isso aqui!!!! Que horror essa foto! To realmente chocada com a cara de pau das pessoas de ficarem zombando a ponto de por essa imagem aqui.”

Vivian Suppa trouxe para a discussão um vídeo de Salloma Salomão, intitulado Princesinha do Congo que apesar de ter conteúdo apologético à cultura afro, traz personagens utilizando blackface.

Bel Bel Antunes em resposta à postagem desse vídeo e tendo em vista que Salloma Salomão participou do debate, concluiu que o vídeo Princesinha do Congo seria diferente se fosse feito atualmente.

Por isso que Salloma estava tão bem posicionado no debate. Entendo que ele deu um ultimato. Vocês , mesmo q sejam patrocinadores homens brancos, não detém mais o direito de fazer black face no meu trabalho’. ele não está só, tem uma comunidade inteira hoje que tem voz para parar a ‘autoridade’ da branquitude sobre o nosso pensamento. Exemplo de nossos artistas negros estão se libertando da colonização mental. Salloma se desalienou, se é que preciso dizer isso.” (a ortografia original do post foi mantida) (ANTUNES, FACEBOOK, 2015).

Bruna Longo constatou a falta da disposição ao diálogo e a prevalência da conversação, troca de palavras sem engajamento efetivo com se fazer entendido e entender o interlocutor para estabelecer uma troca comunicacional. “A prova que uma discussão pertinente descamba pro nonsense total. O ‘embate’ acima é o equivalente cibernético do ‘lalalala não tô ouvindo’”. Ninguém quer discutir nada, gente. Tá todo mundo doído de si mesmo e amando ouvir a própria voz.”

Bel Bel Antunes ponderou que a ameaça de censura é uma questão menor diante das diversas problemáticas jurídicas existentes no Brasil atualmente, como a falência do sistema

V COMcult

o que custa o virtual?

carcerário, problemáticas essas que expõem a situação de fragilidade dos negros e com isso reiteram o racismo.

Liberdade de expressão. Gente branca preocupada com liberdade de expressão e as cadeias lotadas de meninos negros que foram parar lá simplesmente pq não tem o direito de existir. Você não cansa de passar vergonha? Miga, já deu. Engole o seu academicismo elitista de bosta e vai dormir.” Porém muitos internautas apenas tacharam o interlocutor de racista e foram incapazes de explicar seu ponto de vista. “Querida, entenda: Ninguém vai ajudar racista a nada. Não ser racista não é mais do que sua obrigação. (ANTUNES, FACEBOOK, 2015)

Articulação Teórica

A pouca disposição ao diálogo efetivo e a intolerância com posições contrárias, por mais que pareçam contraditórias com a defesa de maior igualdade e participação, tendem a ser comuns nos movimentos de defesa de minorias como identifica Marília Moschkovich, há uma forma dominante de pensar, que defende sempre os interesses de quem domina, os próprios dominados acabam reforçando a ideologia dos dominadores, essa contradição frustra e muitos acabam descontando essa frustração nas pessoas que, em tese, estão defendendo, os próprios oprimidos. Essa pesquisadora afirma ser uma postura muito comum: “o militante, ou a militante, sente-se de alguma maneira iluminado porque consegue enxergar além do véu da ideologia dominante ” e responde com agressividade contra aqueles que não atingem o mesmo grau de iluminação (MOSCHKOVICH, 2013).

Além disso, no ambiente online percebe-se a primazia do discurso de uma militância, que emula um diálogo autêntico, quando na verdade não passa de conversação, pois a comunicação está fechada ao diálogo, não está disposta a receber a posição do outro. Além disso, a agressividade e estereotipagem parecem constituir a estética da comunicação em rede mediatizada pelas ferramentas computacionais. Porém, menos exacerbados, não são exclusivos das interações online, parecem também fazer parte da contemporaneidade, possivelmente como uma forma de resposta à angústia e à frustração ou à escassez de tempo e abundância de informações.

Assim, as desigualdades e o desrespeito às diversidades têm aparecido como elementos fundamentais de violação de direitos humanos em meio digital. É um desafio para a atual sociedade global e desigual, conforme afirma Fernanda Frinhani, determinar qual

V COMcult

o que custa o virtual?

diferença deve ser reconhecida e respeitada e qual diferença deve ser eliminada ou diminuída. A pluralidade étnica, de gênero e de religião, por exemplo, precisa ser estimulada ao passo que a desigualdade econômica e educacional precisam ser mitigadas para a promoção da dignidade humana.

Dicionarizado como ligação, os vínculos são especialmente importantes para os seres gregários como os humanos, pois são pressupostos para a aprendizagem das capacidades necessárias à vida social, assim, “a incompletude, dos seres humanos em especial, obriga à constituição emergencial e permanente de vínculos sociais” (MARCONDES FILHO, 2009:353). Os seres humanos, além de serem dependentes do meio físico e simbólico, constituem-se da relação de si próprios com os outros e com o ambiente.

Os meios de comunicação podem potencializar a escala de construção desses vínculos, ampliando-a para muito além dos limites das interações pessoais. Favorecendo o engajamento da sociedade de forma democrática e além das fronteiras estatais. Contudo, o esvaziamento das relações e a proliferação da reprodutividade ameaçam a natureza vinculativa dos meios de comunicação

Podemos considerar a contribuição do estudo dos vínculos comunicativos para o alargamento da compreensão sobre os meios de comunicação entendendo-os como espaços físicos ou simbólicos nos quais essa rede de vinculação deve operar numa escala socialmente maior do que a da comunicação interpessoal e refletindo sobre se esses meios têm ou não de fato desempenhado esse papel ou se se tornaram meros espaços funcionais por onde transitam informações assépticas e vazias de sentido apenas quantitativa e mercadologicamente consideradas (CONTRERA apud Marcondes Filho, 2009:355)

A comunicação pode ser entendida como a constituição de vínculos, de interação, de interiorização no espaço do outro, sendo a vida social a somatória desses vínculos dinâmicos, submetidos às condições de tempo e espaço. Na atualidade, principalmente nos espaços virtuais, estamos submetidos a uma quantidade enorme de informações que consomem nosso tempo, mas não necessariamente estabelecem ou despertam vínculos.

Assim, a maioria dos dados não consegue entrar no espaço (físico e simbólico) do outro, nada comunicam e isso, principalmente, porque não admitem o diálogo. Comunicar a mensagem é sempre estar na passagem, no meio, entre o si mesmo e o outro, na zona de perigo, na área da sedução, no crepúsculo de si mesmo e na zona obscura do outro (BAITELLO apud Menezes, 2005:12).

V COMcult

o que custa o virtual?

A cultura imaterial (do simulacro, da pós-história), possibilitada pelo avanço da tecnologia eletromagnética, revolucionou nossa forma de viver, agir e pensar. As categorias epistemológicas tradicionais (ciência, arte e política) não servem mais para categorizar a vida humana. As imagens são resultado de cálculos computacionais. Além disso, a interatividade dilui as diferenças entre emissor, crítico, transmissor e receptor. A relação homem-máquina se inverteu: o homem, muitas vezes, passa a servir à máquina (FLUSSER, 2007: 22).

A imaterialização da cultura traz a necessidade de uma imaginação nova: pós-conceitual, que surge da crítica, do uso criativo das ferramentas à disposição. O cérebro humano é ponto de ruptura no processo criativo, é a sede da liberdade, mas não quando se submete a ser funcionário das máquinas, ou ao conformismo das ideias pré definidas. Para ser livre tem de escapar ao programa, não só em termos digitais de programas computacionais, mas também em termos mais concretos: escapar às regras, corromper a ordem determinada das coisas, identificar e agir contra os estereótipos e o preconceito.

Na busca frenética pela visibilidade, contudo, cada vez mais as pessoas (físicas ou jurídicas) tornam-se invisíveis, pois a hipertrofia da visão tem como consequência olhos cansados, insensíveis e apáticos. Para Norval Baitello Jr, estamos cegos de olhar crítico, capaz de estabelecer nexos, relações e sentidos que vão além da superficialidade das marcas, logotipos e imagens descontextualizadas. Além de cegos, estamos surdos, pois não existe tempo ou interesse em ouvir o outro, em aceitar diferenças, ou dialogar.

A cultura e a sociedade contemporâneas tratam o som como forma menos nobre, um tipo de primo pobre, no espectro dos códigos da comunicação humana. Por isso a minha pergunta se não estamos nos tornando surdos intencionais? Surdos que ouvem. Surdos que têm a capacidade de ouvir, mas que não querem ouvir, não têm tempo ou então não dão atenção ao que ouvem? Literalmente não dão ouvidos ao que de fato ouvem? (BAITELLO JR., 2005: 99).

O reconhecimento do outro, para tanto, é fundamental pois indispensável à construção de uma identidade plena. Tal processo, se incompleto implica além de falta do respeito devido, uma forma cruel de subjugar e fomentar o sentimento incapacitante de ódio. Por isso que Charles Taylor afirma não ser o respeito um mero ato de gentileza para com os outros, porém uma “necessidade humana vital” (TAYLOR, 1994:15). A liberdade de expressão, nesse sentido, ganha ainda maior relevância.

V COMcult

o que custa o virtual?

Principalmente a quarta dimensão de Direitos Humanos formada por democracia, informação e pluralismo dependem fundamentalmente da liberdade de expressão, contudo os demais Direitos Humanos, para serem efetivados, suas violações têm de ser passíveis de denúncia para gerar mobilização popular e política. Somente com liberdade de expressão, sem qualquer censura ou medo, podem ser manifestadas várias opiniões e ideologias, inclusive opostas, estimulando um processo construtivo de formação do pensamento.

Frente à atual crise de legitimidade do Estado, que se encontra refém de corrupção e ineficaz para garantir ao cidadão seus direitos, as ferramentas tecnológicas possibilitam a prática de cidadania cosmopolita e novas formas de ativismo. Para Manuel Castells, há uma nova estrutura social que pode ser denominada de informacionalismo (ou capitalismo informacional) pois estrutura a tecnologia a economia e as relações sociais em torno de um volume exacerbante de informações, porém viabiliza também uma agressiva e irresponsável polarização.

A revolução digital possibilita a inflação exacerbada das imagens. com a convergência de mídias e a divergência de meios, criando multiplataformas de interação entre emissor e receptor de conteúdo informativo via mídias sociais conectadas (LIMA, 2009:54) Com a internet, as fronteiras perceptivas humanas foram expandidas para a escala global, as possibilidades de estabelecimento de vínculos passam a ser planetárias. Contudo, o corpo por trás desses vínculos não pode ser ignorado ou conformado, colocado na forma, como explica Vilém Flusser (FLUSSER, 2007). A tecnologia digital não é uma entidade encantada, mas um meio, uma mídia, portanto uma ferramenta.

Conformar o corpo a essas criações culturais é um contra senso que cria angústia e insatisfação. Segundo Vicente Romano (ROMANO, 2011), a “solidão e a perda das relações” são os efeitos mais evidentes. Há uma “colonização do biotempo” por discursos enaltecendo a técnica e o mercado, deixando o indivíduo só, sem a presença do outro. É preciso resgatar a dimensão ecológica e ética da comunicação.

Por meio de uma ecologia da comunicação, Vicente Romano investiga uma ponte entre a teoria da comunicação e a ecologia humana para que se construa um mundo em que o ser humano se sinta confortável, o que pressupõe um pensamento orquestral que não ignore os vínculos, utilizando-se de uma perspectiva mais ampla e histórica, interessada tanto pelas

V COMcult

o que custa o virtual?

causas como pelas consequências, para que, assim, os indivíduos tomem consciência sobre seu entorno comunicacional e assumam responsabilidades.

Considerações Finais

Apesar de as novas tecnologias possibilitarem engajamento social e político e um exercício da liberdade de expressão de forma mais plural, muitas vezes o que tem acontecido na prática é o uso das ferramentas eletrônicas apenas para reverberar discursos previamente montados que defendem um ou outro posicionamento sem espaço para a troca e o diálogo com o outro, ou então para, até mesmo, censurar o dissidente e propagar o ódio e a agressividade.

Isso pôde ser constatado com o presente estudo de caso. Apesar das redes poderem ser usadas para causar engajamento, o que se percebeu foi uma atuação marcada por insatisfação generalizada, que ao invés de reconhecer e ser receptivo com outras violações para não incorrer nos mesmos erros denunciados, pelo contrário, reafirmava os mesmos modelos de opressão.

O mundo virtual é um espelho do real, que nada tem de angelical, assim, permite que a diversidade seja expressa. Porém, da mesma forma que acontece no mundo físico, se a Internet passa a ser utilizada para censurar ou para propagar conteúdos abusivos, é necessária a proteção jurídica pra resguardar os direitos fundamentais e humanos também nesse ambiente.

O desenvolvimento da cultura do ouvir, da redescoberta do tempo lento e profundo e o resgate da percepção humana para as relações entre as pessoas, para os sentidos e para o sentir, parece ter muito a agregar a essa percepção ensurdecida, intolerante e cega pela hegemonia da razão e da aparência

Referências

V COMcult

o que custa o virtual?

- BAITELLO JR., Norval. Comunicação, mídia e cultura. Disponível em < <http://pt.scribd.com/doc/55485116/NORVAL-BAITELLO-JUNIOR-COMUNICACAO-MIDIA-E-CULTURA#archive> > Acesso em 11 de agosto de 2011.
- BAITELLO JR., Norval. Corpo e imagem: comunicação, ambientes, vínculos. In RODRIGUES, David (organizador). Os valores e as atividades corporais. São Paulo, Summus, 2008
- BAITELLO JUNIOR, Norval; CONTRERA, Malena Segura; MENEZES, José Eugenio de Oliveira (Orgs.). Os meios da incomunicação. São Paulo: Annablume, 2005.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. A era da iconofagia: ensaios de comunicação e cultura. São Paulo: Hacker, 2005. BAITELLO JUNIOR, Norval. O animal que parou os relógios: ensaios sobre comunicação, cultura e mídia.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. O tempo lento e o espaço nulo. mídia primária, secundária e terciária. Disponível em: < <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/tempolento.pdf>.>. Acesso em: 20 de agosto de 2010.
- CASTELLS, Manuel. A Galáxia da Internet. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. Communication power. New York: Oxford, 2009
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CATALÀ DOMÉNECH, Josep M. A forma do real: introdução aos estudos visuais. São Paulo: Summus, 2011.
- CATALÀ DOMÉNECH, Josep M. La imagen compleja: la fenomenología de las imágenes en la era de la cultura visual. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona/Servei de Publicacions, 2005.
- FACEBOOK Debate "Arte e Sociedade: a Representação do Negro" Disponível em < <https://www.facebook.com/events/816867131729132/> > Acesso em 6 de junho de 2015.
- FLORIDI, Luciano. Information – A Very Short Introduction. Oxford University Press, 2010.
- FLUSSER, Vilém. O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade. Annablume, 2008.
- FLUSSER, Vilém. Entre o provável e o impossível. Resgate, (3): 16-20, 1991.
- FLUSSER, Vilém. **Língua e realidade**. São Paulo: Annablume, 2004.
- FLUSSER, Vilém. O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naif, 2007.
- FRINHANI, Fernanda de Magalhães Dias Frinhani. **Uma reflexão sobre um projeto emancipatório para a proteção e efetivação dos Direitos Humanos numa sociedade global e desigual** (no prelo).
- HAMMEL, E.. "Media Imaginary" The critique of the imaginary in the philosophy of Dietmar Kamper. **Revista Ghrebh-**, América do Norte, 1, abr. 2013. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/revista/ghrebh/index.php?journal=ghrebh&page=article&op=view&path%5B%5D=429&path%5B%5D=410>. Acesso em: 16 Set. 2015.
- LIMA JUNIOR, Walter Teixeira. Mídias sociais conectadas e jornalismo participativo. In: MARQUES, Ângela et al. Esfera pública, redes e jornalismo. Rio de Janeiro: E-papers, 2009
- LIMA JUNIOR, Walter Teixeira. Jornalismo computacional em função da "Era do Big Data". *Líbero* – São Paulo – v. 14, n. 28, p. 45-52, dez. de 2011. Disponível em http://www.casperlibero.edu.br/rep_arquivos/2011/12/12/1323717839.pdf . Acesso em 03 de dezembro de 2011.
- MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). Dicionário da comunicação. São Paulo: Paulus, 2009
- MENEZES, José Eugenio de O. (Org.). Os meios da incomunicação. São Paulo: Annablume, 2005
- MENEZES, José Eugenio de O. Comunicação e cultura do ouvir. In. KÜNSCH, Dimas A. (organizador). Comunicação, saber, arte ou ciência? Questões de teoria e epistemologia. São Paulo: Plêiade, 2008.
- MENEZES, José Eugenio de O. Editorial da Revista Ghrebh. Disponível em: <http://revista.cisc.org.br/ghrebh9/artigo.php?id=editorial&dir=artigos>. Acesso em 15 de outubro de 2010.

V COMcult

o que custa o virtual?

MENEZES, José Eugenio de O. Rádio e cidade: vínculos sonoros. São Paulo: Annablume, 2007.

MOSCHKOVICH, Marília. **Síndrome da militância arrogante**. Outras palavras, comunicação compartilhada e pós capitalismo. 2013. Disponível em < <http://outraspalavras.net/posts/a-sindrome-da-militancia-arrogante/> >. Acesso em 6 de junho de 2015.

PROSS, Harry. Estructura simbólica del poder. Barcelona: Gustavo Gili, 1980. Bargaining and Domestic Politics. California: University of California Press, 1993.

ROMANO, Vicente. Ecología de la comunicación. Disponível em http://ww.robertexto.com/archivo3/ecol_comu.htm Acesso em 17 de março de 2011.

São Paulo: Annablume, 1999.

TAYLOR, Charles. **Multiculturalismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.